

# Introdução ao artigo de Michel Pêcheux “Ousar pensar e ousar se revoltar! Ideologia, marxismo, luta de classes”<sup>1</sup>

Peter Schöttler

Tradução de Jocenilson Ribeiro

O texto que vamos ler tem uma grande e uma pequena história. A grande história é o projeto de elaborar uma teoria da ideologia a partir de e no quadro do Materialismo Histórico, do qual Michel Pêcheux participou desde seu primeiro artigo, publicado sob o pseudônimo “Thomas Herbert” nos *Cahiers pour l'Analyse* (n. 2, 1996) e que prosseguiu especialmente em *Les Vérités de La Palice* (1975). Infelizmente essa obra, intitulada inicialmente *L'Effet Münchhausen* (devido ao Barão que tira a si mesmo de um pântano puxando-se pelos próprios cabelos), não teve uma vida fácil<sup>2</sup>. Alguns consideravam Pêcheux como alguém muito próximo das “ciências humanas burguesas” que ele mesmo ainda criticava. E a famosa tripartição que propunha: identificação/contra-identificação/desidentificação – não permitia uma análise das ideologias e dos discursos bem mais além do econômico, isso que parecia teórica e politicamente “perigoso”? Certamente, Pêcheux tentou ancorar sua crítica da ideologia identificadora, representada especialmente pela semântica, em uma psicanálise renovada, mas, mesmo depois disso, ele não permanecia preso a uma “psicossociologia” e a uma teoria do imaginário incompatível com as ideias (então dominantes) do doutor Lacan? Que, ainda por cima, sua concepção de ideologia e sua metodologia da “análise automática do discurso” fosse aplicável em ciências sociais – ver particularmente sua experimentação com uma leitura crítica do “Relatório Mansholt<sup>3</sup>” – parecia a seus críticos (que eram às vezes seus

---

<sup>1</sup> N.T.: Texto originalmente publicado em alemão com o título “Zu rebelieren und zu Denken wagen! Ideologien, 1 Widerstände, Klassenkampf”. En KultuRRRevolution, 1984, n° 5 pp. 61-65 y 1984, n° 5, pp. 63-66, tradução de Peter Schöttler. Tradução ao português por Jocenilson Ribeiro; revisão de tradução de Vanice Sargentini.

<sup>2</sup> Para uma apresentação de um conjunto da obra de Michel Pêcheux, remeto ao livro editado e apresentado por Denise Maldidier: *L'Inquietude du discours. Textes de Michel Pêcheux*, Paris 1990. [Tradução brasileira da Introdução de D. Maldidier: *A inquietação do discurso: reler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.]

<sup>3</sup> Michel Pêcheux, Claudine Haroche, Paul Henry, Jean-Pierre Poitou, «Le rapport Mansholt: un cas d'ambiguïté idéologique», *Technologies, Idéologies, Pratiques*, 2 (1979), p. 1-83. (Texto, de fato, inteiramente redigido por Pêcheux).

amigos pessoais) particularmente revelador. Cuidado com as teorias demasiadamente convincentes!

Agora passo à pequena história. Vi Michel Pêcheux pela primeira vez em 1974. Naquela época, os trabalhos de Althusser apenas começavam a ser conhecidos e discutidos na Alemanha (Ocidental). Rapidamente desenvolvemos uma amizade. Michel me emprestou o manuscrito de *L'Effet Münchhausen* e preparou um extrato de umas vinte páginas que deveria ser como um artigo para uma coleção que preparávamos, Gerhard Plumpe e eu, para o editorial Suhrkamp. Ainda que tivéssemos um contrato, o livro jamais foi publicado. Já era a época do “refluxo” das ciências humanas. Porém, dois anos mais tarde, nós (éramos um pequeno grupo de doutorandos e pós-doutorandos na Universidade de Bochum na Ruhr, jovens filósofos, historiadores, literatos) tínhamos nossa própria coleção intitulada “Positionen” com um pequeno editorial de esquerda, “VSA” em Hamburgo. Os três primeiros volumes a publicar eram: o “Lyssenko”, de Lecourt, a «Ditadura do proletariado», de Balibar, e uma coleção de artigos de Althusser acerca dos “Aparelhos Ideológicos de Estado”. Michel vinha várias vezes à Bochum para proferir conferências seja na universidade, seja em nosso grupo. Ele falava, aliás, muito bem alemão desde quando ele havia sido leitor de francês na Universidade de Göttingen e havia mergulhado nos textos mais difíceis de Husserl para uma dissertação de mestrado em 1961 orientada por Georges Canguilhem. É neste mesmo contexto “alemão” que o artigo que vamos ler foi redigido.

Como se verá, trata-se de uma espécie de *balanço* da concepção da ideologia que Michel Pêcheux defendeu até o final dos anos 1970, entre *Les vérités de La Palice* (1975) e *La langue introuvable* (1981), antes de se lançar em outros projetos, particularmente em torno da noção de “arquivo”. Michel o escreveu no início de 1978 para uma obra coletiva que preparávamos então para a coleção “*Positionen*” e que deveria fazer frente, em nosso entendimento, a algumas publicações alemãs, particularmente em torno do “Merve Verlag” e do “Argument Verlag”. Esse texto retomava, à sua maneira, alguns debates franceses, seja em um sentido esquerdista (cf. a crítica de Althusser por Rancière), seja em um sentido ortodoxo (ver os escritos de Wolfgang Fritz Haug e de seus alunos na revista *Das Argument*). O título que então planejávamos era de uma simplicidade comovedora: *Ideologischer Klassenkampf* (lutas de classe ideológica), e a contribuição de Michel trazia igualmente, no início, um título mais que lapidário: “*Idéologie prolétarienne et théorie marxiste dans la lutte idéologique des classes*” [Ideologia proletária e

teoria marxista na luta ideológica das classes]. Contudo, enquanto um número da revista *Alternative* saiu em meados de 1978<sup>4</sup>, o livro anunciado jamais apareceu. Por quê? Eu confesso que não me recordo muito bem dos detalhes, mas eu acredito que, a princípio, era o editor quem hesitava e quem adia várias vezes a publicação; depois foram os próprios participantes alemães (“nós”) quem não estavam mais totalmente seguros da validade do projeto tal como era. Contudo, quase todos os textos previstos – entre eles o de Pêcheux que leremos a seguir – finalmente apareceram: assim, um esboço da introdução redigida por Christiane Kammler, Gerhard Plumpe e eu mesmo foi publicado (conjuntamente com um extrato de *Les Vérités de La Palice*) no número já mencionado da revista *Alternative*. Do mesmo modo, meu capítulo sobre “Movimento operário e ideologia jurídica”, do qual eu havia apresentado um esboço no seminário de Pêcheux, Plon e Henry na EHESS [École des Hautes Études en Sciences Sociales] em 1976<sup>5</sup>, foi publicado em uma revista holandesa, depois em alemão e, em seguida, em outras línguas<sup>6</sup>. Ainda que notável em mais de um sentido, unicamente o texto de Christiane Kammler e Gerhard Plumpe sobre a “Dreigroschenprozess” [Ópera dos três centavos] de Brecht, que se encarregava da relação entre literatura, cinema e ideologia jurídica, por fim jamais se tornou público.

No início de 1984, depois do suicídio de Michel Pêcheux, em dezembro de 1983, pareceu-nos que seu texto sobre a luta ideológica de classes, que permaneceu em nossas gavetas – para lhe prestar homenagem – representava o melhor de sua abordagem pessoal e particularmente de seu esforço permanente para combinar marxismo, psicanálise e teoria do discurso. Com a aprovação de sua viúva, fizemos então uma tradução do alemão publicada em duas partes, em fevereiro e em junho, na revista *KultuRRévolution (Cultural Revolution)* fundada e dirigida pelo germanista marxista Jürgen Link<sup>7</sup>. Como seu subtítulo indica (*Zeitschrift für angewandte Diskurstheorie, Journal for applied discourse theory*),

---

<sup>4</sup>Münchhausen-Effekt. Von der Materialität der Ideologie [Effet Münchhausen. De la matérialité de l'idéologie], *Alternative*, no. 118 (1978).

<sup>5</sup>Cf. Maldidier 1990, p. 47. [do original em francês].

<sup>6</sup>Cf. versão inglesa: Friedrich Engels and Karl Kautsky as Critics of «Legal Socialism», *International Journal of the Sociology of Law*, 14 (1986), p. 1-32.

<sup>7</sup>Disponível no site: <<http://zeitschrift-kulturrevolution.de/>>. Observa-se que esta mesma revista publicará alguns anos mais tarde um número em homenagem na ocasião do 70º aniversário de Althusser: <<http://zeitschrift-kulturrevolution.de/product/ein-denken-an-den-grenzen-louis-althusser-zum-70-geburtstag>>. (nº. 20, dezembro de 1988).

tratava-se de uma revista (que ainda existe) de crítica, de análise e de teoria do discurso – e isso em uma época em que o termo “discurso”, ao menos no sentido “francês” da palavra, não havia chegado ao domínio público (e por isso banalizado). Sem falar do fato de que o conceito de ideologia era ainda naquela época amplamente utilizado – *seja* no sentido de um marxismo ortodoxo estalinista (como na Alemanha Oriental), *seja* no sentido “hegeliano” (como para o jovem Lukács, a escola de Frankfurt etc.). Ora, o artigo de 1978, que vamos ler, tentava justamente esboçar uma concepção da “luta ideológica das classes” que, recusando esta falsa alternativa do funcionalismo e do historicismo, insistia fortemente nas contradições e nas dissimetrias que caracterizam o terreno ideológico enquanto tal. É justamente por isso que, segundo Pêcheux, “traços” da ideologia dominante se encontram sempre na ideologia dominada assim como a ideologia dominante não existe sem contradições – toda a dificuldade da luta revolucionária consiste em tirar proveito destas contradições sem se deixar conduzir muito longe pela simetria. Pois, nesta luta, não é suficiente simplesmente “passar a bola” e “inverter” as práticas e as instituições existentes contra os dominantes – o que Pêcheux designava por meio do termo “contra-identificação” – mas é preciso buscar, toda vez, *mudar de terreno*, para então encontrar – ver para crer – a dissimetria ou a assimetria, isto é, o que Pêcheux propunha designar por “desidentificação”. Se se puder encontrar na história dos movimentos revolucionários alguns exemplos em apoio a esta tese, não resta dúvida de que as classes dominantes, em boa parte do tempo, conseguiram “dominar” a revolta não somente pela pressão mais também e justamente pela “recuperação” ideológica<sup>8</sup>.

As fotos de Michel Pêcheux que publicamos com este artigo foram feitas em 1977 por Doris Schöttler-Boll (1945-2015).

---

<sup>8</sup>Em 1977-78, no momento em que discutimos com Michel Pêcheux acerca destes problemas, eu concluía minha tese de doutorado em história na qual eu tentava mostrar, a partir do exemplo das Bolsas do trabalho [“Bourses du travail”] francesas, as dificuldades que encontravam os sindicatos operários quando eles aceitavam, em troca de subvenções municipais, servir como agências de empregos no seio da “política social” da Terceira República. Evidentemente, eu citava o artigo de Michel e também lhe dediquei meu livro quando o publiquei. Cf. Schöttler, Peter. *Naissance des Bourses du travail. Un appareil idéologique d’État à la fin du XIXe siècle*. Paris, PUF, 1985.



